

*O Menino
que Desenhou
Auschwitz*



Uma Poderosa
História Real de Esperança
&
Sobrevivência

THOMAS GEVE

Sobrevivente do Holocausto



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2022

SUMÁRIO

PREFÁCIO	8	PARTE 3	
INTRODUÇÃO	12	Capítulo 11	
		Bondade em meio ao caos	159
PRÓLOGO - UM FUTURO DESCONHECIDO, Berlim 1939	14	Capítulo 12	
		Tornei-me um veterano	175
PARTE 1		Capítulo 13	
Capítulo 1		Ventos de mudança	185
Stettin e Beuthen 1929-39	19		
Capítulo 2		PARTE 4	
Berlim 1939-41	29	Capítulo 14	
Capítulo 3		Um passo atrás rumo à liberdade	215
Berlim 1941-42	37	Capítulo 15	
Capítulo 4		Campo de Gross-Rosen	227
Dissolução 1943	43	Capítulo 16	
PARTE 2		Evacuação	237
Capítulo 5		Capítulo 17	
Auschwitz-Birkenau	59	Campo de Buchenwald	241
Capítulo 6		Capítulo 18	
Quarentena	81	Por fim, livre	265
Capítulo 7		EPÍLOGO	287
A escola de pedreiros	93	NOTA DE CHARLES INGLEFIELD	293
Capítulo 8		NOTAS BIOGRÁFICAS	297
Sobrevivendo	113	AGRADECIMENTOS	299
Capítulo 9		ÍNDICE	301
Exaustão	131		
Capítulo 10			
Desespero	149		

CAPÍTULO 1

STETTIN E BEUTHEN

1929-39

Nasci no outono de 1929, em Stettin, no Báltico, perto do rio Oder, na Alemanha.* Minha mãe também tinha nascido lá, enquanto meu pai viera de Beuthen, na Alta Silésia. Ele estudou medicina e tinha servido brevemente durante a Primeira Guerra Mundial antes de assumir a clínica do Dr. Julius Goetze, em Stettin. Agora estabelecido como clínico geral, com a própria clínica, apaixonou-se e casou-se com minha mãe, Berta, a filha do médico.

Quando eu era bem pequeno, minha aparência era como se rostos estranhos tivessem me assustado. Como a maioria dos bebês, meu passatempo era chorar. O gemido noturno da sirene que chamava os voluntários da brigada de incêndio me aterrorizava. Parecia o uivo de um monstro que espreitava na escuridão, pronto para me agarrar na primeira oportunidade.



Colhendo os melhores tomates — Stettin, 1933.

O tempo passou e minha primeira infância ficou mais animada. A tia Ruth,⁴ irmã da minha mãe, me levava em passeios de barco a remo pelo Oder para nossa horta. Estar na natureza e sentar em um barco no meio de um largo rio me deixou boas lembranças. Ainda mais do que poder colher e devorar os melhores tomates. Também havia excursões divertidas a resorts à beira-mar. Adorava estar perto de animais e plantas, rodeado pela natureza. Mas minha ocupação favorita era caçar caracóis: pegar e colecionar rolinhos gosmentos que escalavam os muros dos parques. Quando Hitler chegou ao poder, em 1933,

* Atualmente é a Polónia.



Este mapa mostra a posição da fronteira entre Alemanha e Polônia na década de 1930.



Minha feliz primeira infância — Stettin, 1933.

esses momentos de lazer despreocupado desapareceram.

Meu pai fora médico e cirurgião em Stettin, mas perdeu a licença devido às leis discriminatórias, e tivemos que retornar à sua terra natal, Beuthen, algumas centenas de quilômetros a Sudoeste de Berlim. A família de minha mãe, incluindo a tia Ruth e meus avós, tinham se mudado para Berlim. E, embora eu tivesse apenas 3 anos de idade na época, sentia que estava sendo constantemente deixado aos cuidados dos outros,

entre eles minha tia Irma⁵ e nossa governanta, Magda.⁶

Beuthen era uma cidade de mineração com cerca de 100 mil habitantes, havendo uma forte comunidade polonesa por lá. As fronteiras alemãs/polonesas cruzavam subúrbios, parques e até túneis das minas. Em algumas ruas da cidade, era possível ver bondes tanto alemães como poloneses atravessando-as. As pessoas falavam polonês no que era a Alemanha e alemão no que era a Polônia. Quando voltava das caminhadas pelos subúrbios à Krakauer Strasse, 1, um grande prédio de quatro andares onde morávamos, eu nunca tinha certeza de em que país pisara.

A praça principal era ainda mais confusa. Para a gente comum, era “A Boulevard”. Para os mais pedantes, era a “Kaiser Franz Joseph Platz”. Mas, agora, o novo poder em Beuthen decidiu que se tornaria “Adolf Hitler Platz”. E foi nessa praça que os alemães puros e leais juraram fidelidade a seu novo deus.

Caso eu não tivesse sido repreendido, talvez estivesse alegremente entre eles. Porque de fato gostava daquele novo culto. Eram bandeiras, cavalos brilhosos da polícia, uniformes coloridos, lanternas e música. Também era de acesso fácil e gratuito, o que significava que não tinha que ficar no pé do meu pai para que me levasse a uma apresentação do Punch & Judy ou para que eu ganhasse uma hora ao lado do rádio da minha tia. Porém, fui repreendido por causa do meu entusiasmo impróprio com relação àquela nova presença na cidade. Recebi mais uns trocados e, para evitar mais constrangimentos à família, uma instrução para que acertasse o passo na linha antinazista da família — seja lá o que isso significasse para um menino de 4 anos.

Assim, obedeci. Enquanto os outros jovens da praça aprendiam sobre sua origem e destino superiores, meu papel seria o do azarão.



Curtindo a beleza da natureza —
Beuthen, 1936.

Rapidamente, minha vida tornou-se mais isolada. Pela manhã, era acompanhado até o jardim de infância judaico do bairro. As tardes eram preenchidas com jogos solitários ou com aulas de piano sob a tutela da irmã do meu pai, tia Irma, professora de música que agora morava conosco.

Supostamente, deveria ter herdado muito da habilidade musical da tia Irma, mas meu temperamento rebelde logo excluiu as chances de me tornar um escravo do gigante piano de cauda preto “Bechstein”. Pelo contrário, meus talentos estavam limitados

a devorar as fragrantas maçãs que serviam de adereços e que me ajudavam a aprender como as notas musicais se dividiam em frações. Meu interesse em tocar um instrumento musical desapareceu, mas meu amor à música, às canções e à recordação das letras tinha acabado de se acender.

Em 1936, aos 6 anos, fui matriculado na escola judaica de Beuthen. Meu pai também já tinha sentido os castigos de vara, o porão das punições e a estrita disciplina prussiana do local. Ele, da mesma forma, tinha se vingado, rabiscando e talhando os bancos escolares.

Os professores do meu pai, já bem acima da idade de aposentadoria, ainda lecionavam lá, todavia não conseguiam bancar nada além dos sanduíches de queijo branco, o que os tornava alvo de ridicularização geral. Ciente das tradições da minha família, tentei ser um aluno agradável, mas nunca fazia nada além do absolutamente necessário.

Usávamos os livros didáticos antigos e também os nazistas. Lembro-me do dia 20 de abril, aniversário de Hitler, comemorado como feriado. Nesse dia, de acordo com algum parágrafo nas novas leis educacionais, juntávamo-nos para ouvir reci-

tações à glória da pátria. Os mais perspicazes dos nossos professores, no entanto, sugeriram que nós não teríamos parte em tal glória.

Aprendemos que não deveria haver igualdade. Nossa única arma era o orgulho. Queríamos competir com os novos movimentos juvenis que brotavam em toda a Alemanha. As saídas escolares transformaram-se em ocasiões para exibirmos nossa marcha disciplinada, nosso canto impressionante e nossa destreza esportiva. Porém, uma a uma, tais demonstrações foram proibidas. Logo, não podíamos nem mesmo retaliar as pedras que eram jogadas contra nós no pátio da escola pelos meninos “arianos” do lado de fora. Isso seria considerado crime. Agora, éramos os desprezados “meninos judeus”. O único parquinho que continuava seguro para nós era o do cemitério judaico na Piekarska Strasse. Ficávamos realmente felizes por termos um lugar seguro onde brincar.



Meu primeiro dia na escola — Beuthen, 1936.

Sob insistência do meu pai, entrei para um clube sionista de esportes, “Bar Kochba”.* O treinamento acontecia estritamente a portas fechadas, mas a autoconfiança que isso nos dava não ficava tão confinada. Lá, aprendíamos sobre os princípios de força e de heroísmo. Nossa coragem recém-adquirida nos acompanhava em todos os lugares.

Certa noite, um amigo e eu estávamos indo para o clube e passamos pela gélida praça da sinagoga. Fomos cumprimentados com uma chuva de bolas de neve. Daí vieram os insultos abusivos. Atrás das colunas da arcada da sinagoga, vimos de relance os casacos pretos do uniforme da Juventude Hitlerista, vestidos por garotos que pareciam ter nossa idade.

O orgulho momentaneamente venceu nossas obrigações de sermos subalternos dóceis e saímos atrás deles. Nossos oponentes perplexos não tinham levado em conta a fúria repentina que nos dominou. Agarrei um deles, empurrei-o na neve e bati nele repetidas vezes. Quando ele começou a gritar, tive que recuar. Seus

* Bar Kochba foi um líder judeu que ficou conhecido por sua aptidão e força física e, acima de tudo, por sua coragem. Ele liderou uma revolta heroica contra o Império Romano (132–5 CE) e seu caráter serviu de inspiração aos rapazes judeus.

amigos haviam desaparecido, e a escuridão envolveu em segredo nossa pequena aventura. Essa foi a minha primeira e última chance de revidar abertamente.

Logo fiquei mais questionador a respeito do mundo que habitava. Nós, os garotos, dávamos umas escapulidas para visitar minas de carvão, fábricas e instalações ferroviárias ali perto. Nossas jovens mentes estavam sedentas por conhecimento.

As brilhantes fornalhas brancas, as rodas dos cabeçotes girando incessantemente, os enormes depósitos de escória, os bondinhos carregados de minério, deslizando por cabos de aço superiores que formavam caminhos serpentinosos — tudo fervilhava com atividades. Os trens em especial me fascinavam. Os trilhos industriais rangiam, e as enormes locomotivas pretas chegavam de longe e liberavam a exaustão, soprando nuvens de vapor fedido. Tudo isso aguardava a análise de nossas mentes juvenis, inspirando-nos com um desejo de entender a vida. O mundo ainda deveria ser descoberto por nós.

Havia muita coisa para explorarmos, apesar das restrições a nós impostas.

Enquanto vagávamos pela cidade, ávidos pelas descobertas, a Juventude Hitlerista de Beuthen treinava, marchava e aprendia a cantar louvores em glória de seu Führer. Nem todos tinham força mental para esse treinamento. Alguns, ao perceberem seu futuro predestinado por regras autoritárias, afastaram-se rumo a um estado miserável. Outros, com a mente menos delicada, preocupavam-se com pés chatos, calos e bolhas, pois eram obstáculos muito mais realistas para a inclusão na “raça superior”.

Algumas vezes por ano, as ruas de Beuthen ganhavam vida com as procissões. No dia da Ascensão e na Páscoa, os clérigos católicos — mestres da pompa e da cerimônia — balançavam os incensos em desfiles decorados elaboradamente e carregavam sua atração principal, o bispo, sob um dossel bordado a ouro. E na festa de maio, que Hitler usou para substituir o feriado de 1º de maio, feiras e coretos decoravam Beuthen, e trajes festivos nacionais que celebravam as realizações industriais e agrícolas ficavam em plena exposição.

Em contraste com os sons alegres e as cores brilhantes das cenas festivas nas ruas, cada vez mais os coturnos pretos podiam ser ouvidos marchando ao tom das sóbrias músicas marciais. Os Camisas Marrom^{*} bolaram um novo tipo de procissão: o desfile noturno das lanternas. Alguns acabavam com não fiéis, judeus ou outros igualmente oprimidos sendo espancados.

Minha liberdade foi restringida. Recebi ordens de ficar em casa. Lá, assistia a esses “shows” detrás das cortinas, e minha mãe explicava que tais eventos “não estavam a nosso favor” e que eu deveria “evitar as ruas e me concentrar em brincadeiras a portas fechadas”.

Sem poder vagar livremente, fiquei mais amigo dos meus colegas da escola e convidava os mais interessantes para irem à minha casa brincar com meu Meccano de miniatura de ferrovia. Rapidamente, a família protestou com relação à minha escolha de amigos.

“Por que você precisa trazer todos esses meninos mal-educados e desleixados aqui em casa?”, fui admoestado. “Já não tem conhecidos nossos respeitáveis o suficiente — médicos, advogados e empresários —, cujos filhos você pode chamar para brincar?”

Mas eu não dava bola para idoneidade ou influência. Minha noção de diversão demandava apenas ideias novas, vivacidade, respeito mútuo e liberdade. Daí, os colegas escolhidos para mim, vindos de boas famílias, nunca se tornaram bons amigos. Seu conhecimento “da rua” era escasso, seu temperamento era afetado pelos humores dos pais e eles precisavam obter permissão das governantas para toda e qualquer coisinha.

Anualmente, o festival de “Júbilo da Torá”[†] era celebrado em nossa sinagoga. Acompanhadas pelo som do órgão, as crianças (usando suas melhores roupas e ba-



Aproveitando a beleza da natureza – Beuthen, 1936.

* Os Sturmabteilung, também conhecidos como os SA, compunham a ala paramilitar original do partido nazista. Também eram chamados de ‘Camisas Marrom’, em virtude da cor de seus uniformes.

† Júbilo da Torá, ou Simchat Torá, é um feriado judaico que celebra e marca o término do ciclo anual das leituras públicas da Torá e o início de um novo ciclo.

lançando bandeirinhas coloridas) seguiam lentamente os rolos da Torá conforme eram carregados ao redor do templo. Éramos recompensados com a tradicional distribuição de doces e chocolates.

Posteriormente, comparávamos nossos tesouros. Meus bolsos ficavam cheios, mas podia ver a decepção nos rostos das outras crianças. Eu ficava nervoso, pois todos deveríamos ter sido recompensados.

Depois, perguntei ao meu pai a respeito disso, e sua resposta hesitante concebeu um insight desagradável à minha jovem mente, o que estragou minha diversão. Embora a maioria das pessoas desse generosamente a todas as crianças, alguns davam um tratamento especial a você e lhe entregavam seus “cartões de visita”, caso sua família tivesse influência ou posição social. Doces. Parecia que meu pai sabia muito bem quem distribuía as barras de chocolate e os pirulitos. Portanto, se viesse de uma família sem posses, até mesmo uma cerimônia na sinagoga poderia lembrá-lo desse fato.

Certa manhã, a rua que passava sob minha janela estava barulhenta, com o som de vidros quebrados, passos urgentes e vozes agitadas. Acordei com aquele barulho. Achando que estava na hora de me preparar para ir à escola, levantei-me e puxei a cordinha da cortina para abri-la. Porém, para minha surpresa, ainda era alvorecer. Dei uma espiada na calçada do outro lado da rua.

Um dos carros Daimler pretos de que os meninos tanto gostavam estava estacionado em frente à sapataria. Nossa rua estava coberta de botas, sandálias, sapatos de salto alto femininos brilhosos, pretos, marrons e brancos, além de cacos de vidro. Um grupo de Camisas Marrom estava ocupado, enchendo o carro com todos os tipos de tesouros. Obviamente, era um roubo.

Sentindo-me “o” detetive, corri para o quarto dos meus pais para lhes contar a novidade. Visivelmente menos feliz quanto à minha descoberta, meu pai ligou para os vizinhos. Parecia haver uma confusão geral e apenas uma certeza: não haveria aula na escola naquele dia.

Olhei meu calendário de parede. Era dia 9 de novembro de 1938* — e o mundo como nossa comunidade o conhecia estava prestes a mudar drasticamente.

* Data conhecida hoje como *Kristallnacht*, ou a Noite dos Cristais. No dia 9 de novembro de 1938, ocorreu o pogrom de novembro, realizado contra os judeus pelas forças paramilitares da SA e por civis em toda a Alemanha nazista.

Mais notícias chegaram ao longo do dia. A sinagoga de Beuthen estava em chamas. As brigadas de incêndio se recusaram a ajudar, pois estavam “ocupadas protegendo prédios adjacentes”. Pilhas de livros estavam sendo lançadas às fogueiras nas ruas. As lojas de judeus estavam sendo saqueadas em toda a cidade. E centenas de judeus de Beuthen estavam sendo presos.

Consternação e ansiedade tomaram nosso prédio. Entramos todos em um quarto, totalmente vestidos e prontos para uma emergência, temendo a batida na porta da frente. Por fim, ela aconteceu. Abrimos a porta e ficamos face a face com um Camisa Marrom. Seu rosto era severo e seus olhos cerrados nos encaravam, duros e frios. Seu dedo percorria ominosamente uma comprida lista datilografada da Gestapo. Quando seu dedo parou, ele rosnou o nome de um judeu idoso, ex-inquilino que havia se mudado para outro lugar. Por sorte, o Camisa Marrom não estava interessado em levar algum de nós como substituto.

Mais tarde, ficamos sabendo que a sinagoga tinha sido totalmente consumida pelas chamas e que nossa escola fora fechada para sempre.

Os pais que podiam bancar enviaram seus filhos para o interior, para um refúgio seguro e temporário. Fui enviado para um orfanato judeu em Obernick, perto de Breslau, 220 quilômetros ao noroeste de Beuthen, para passar 1 mês. Em meio aos seus jardins e às suas matas, tivemos a chance de explorar a natureza. Foi maravilhoso para mim, e parecia o paraíso.

A maioria dos judeus de Beuthen que puderam emigrar o fizeram. Meu pai, veterano da Primeira Guerra Mundial e sionista bastante conhecido, planejou nos levar para a Inglaterra. De lá, poderíamos ir até a Palestina, a terra de Israel. Mas o progresso foi lento, apesar de nosso desespero crescente. Foi tomada uma decisão para que eu me mudasse para Berlim no início de 1939, para ficar com meus avós.

O mundo não era bondoso com os refugiados. As pessoas falavam muito sobre Birobizhan* como sendo um possível santuário para os judeus europeus perseguidos, mas poucas chegaram a levar o caso a sério. Os judeus poloneses na Alemanha estavam sendo deportados à força de volta para a Polônia. Lá, não queriam mais

* Birobizhan era uma região judaica autônoma na União Soviética, criada em 1931 na fronteira sino-soviética. Visto que era uma terra inóspita e que os judeus que viviam lá ainda estavam sendo perseguidos durante os expurgos stalinistas da década de 1930, o local não fornecia um refúgio plausível para escapar dos nazistas.

recebê-los também. “Isso não pode acontecer com a gente” era o consenso entre judeus alemães: “Somos alemães.”

Os rumores, uma consequência inevitável da censura em um regime totalitário, abundavam e continuavam circulando, como se fossem um jornal tendencioso e clandestino. Conhecíamos um “ariano”^{*} que era membro do exército nazista de trabalhadores, a O.T.[†] O desemprego o forçara a juntar-se à organização que pagava muito pouco para trabalhar em projetos de construção de estradas locais e de canais.

Considerando-se versado, ele nos instou a sairmos da Alemanha o mais rápido possível. Suas previsões sobre o futuro — nosso futuro — pareciam enfaticamente sombrias, possivelmente até mesmo prenunciadas com certo toque de malícia.

No verão de 1939, minha família saiu para sempre de Beuthen. Meu pai foi para a Inglaterra; minha mãe e eu, para o apartamento dos meus avós em Berlim. Planejavamos nos encontrar com ele logo depois. Tentava imaginar como seria nossa vida quando nos reuníssemos com ele na Inglaterra. Porém, a história tinha planos próprios.

^{*} “Ariano” era a definição nazista da linhagem germânica pura.

[†] Organização Todt (O.T.) — Fritz Todt foi um nazista proeminente.